"KARIPUNAS" E "BRASILEIROS"

A TRAJETÓRIA DE DOIS TERMOS

Uma contribuição à história indígena da região do baixo Rio Oiapoque

Antonella Maria Imperatriz Tassinari

GT: Etnologia Indígena

XXI Encontro Anual da ANPOCS
Caxambu, 27 a 31 de outubro de 1998.

"KARIPUNAS" E "BRASILEIROS"
A TRAJETÓRIA DE DOIS TERMOS[1]

> "... a objetivação etnonímica inside primordialmente sobre os outros , não sobre quem está em posição de sujeito. Os etnônimos são nomes de terceiros, pertencem à categoria do 'eles', não à categoria do 'nós'."
> (Viveiros de Castro 1996:126).

Este *paper* é dedicado à história da população Karipuna do Rio Curipi, região do Baixo Oiapoque, Norte do Amapá, de um ponto de vista externo ao grupo, através de uma análise sobre a trajetória de seu etnônimo[2]. A história dessa população é quase inteiramente desconhecida, embora haja vasta documentação histórica sobre a região em que habita (Caetano da Silva 1861, Paranhos 1898,1945). Há citações sobre os *Caripous* na região do Oiapoque no século XVII, mas este etnônimo deixa de aparecer nas fontes do século seguinte (embora seja citado em diversas regiões da Amazônia), para ressurgir no século XIX. Alguns autores consideram que a população do Curipi formou-se por refugiados da Cabanagem (Coudreau 1893, Arnaud 1989a, 1996), deslocando a história do grupo, da região do Oiapoque, para a costa paraense.

Considero que, para melhor compreender a história vivenciada por esta população, é preciso fazer uma distinção entre a trajetória de seu etnônimo, e as diversas trajetórias de vida dos atuais Karipuna e de seus antepassados. Isso porque o termo nem sempre esteve associado à população do Curipi (às famílias que ali habitam e seus antepassados, ou a outras famílias ali residentes em momentos diversos) e fazer esta separação será útil para entender o próprio significado que hoje tem o nome Karipuna, referindo-se à identidade étnica atualmente compartilhada pela população do Rio Curipi.

Neste *paper* apresento um apanhado das obras que citam o etnônimo Karipuna na região circunvizinha ao Rio Oiapoque, especialmente na área contestada entre França e Portugal/Brasil, mas abrangendo também algumas referências à região mais ampla das Guianas e do Amazonas. Esse esforço tem como base a hipótese de Lux Vidal que considera o termo Karipuna como uma designação de alteridade que, em certos momentos da história

---

[1] Este paper apresenta uma versão revisada do capítulo 2 de minha tese de doutoramento: "Contribuição à História e à Etnografia do Baixo Oiapoque: a composição das famílias Karipuna e a estruturação das redes de troca" (Tassinari 1998). Agradeço à minha banca examinadora, composta pelos Profs.Drs. Lux Boelitz Vidal, Aracy Lopes da Silva, Maria Lúcia Montes, João Pacheco de Oliveira Filho e Robin Wright pelas sugestões e críticas apresentadas. Agradeço também às valiosas contribuições dos lingüistas Karl-Heinz Röntgen e Eliane Camargo.

[2] Uma história propriamente indígena, realizada a partir dos relatos obtidos junto às famílias do Curipi e com base nas suas genealogias, é apresentada no capítulo 3 da tese.

daquela região, recebe uma referência substantiva, designando uma determinada população[3]. Tal hipótese vem ao encontro de posturas semelhantes adotadas por pesquisadores das Guianas, principalmente em relação à identidade Caríb, este também considerado termo de alteridade empregado pelos europeus e associado ao canibalismo (Farage 1985,1991).

A partir dessa hipótese, o estudo da trajetória do termo Karipuna adquire maior clareza, permitindo a compreensão de dados aparentemente desconexos ou contraditórios. Essa perspectiva também confere uma significação mais profunda a outro termo que sempre aparece relacionado ao primeiro: "brasileiros". Dos usuários e vendedores do pau-brasil visitados por J.Mocquet aos "brasileiros do Curipi" mencionados por C.Nimuendajú, temos populações separadas por mais de três séculos de história. É a conexão entre essas populações que pretendo traçar, não aquela baseada em possíveis sequências genealógicas, mas sim na semelhança e nas significações dos termos que as designaram.

O trabalho que aqui realizo, principalmente retomando dados bastante antigos, visa igualmente esclarecer dúvidas sempre presentes a respeito do passado da atual população Karipuna do Curipi. Estudiosos de outros povos da região, procurando brevemente dar conta do histórico dos povos vizinhos, utilizam as fontes do século XVII (Mocquet, D'Avity) para falar sobre os Karipuna do Curipi, às vezes citando-as de segunda ou terceira mão e condensando suas informações com dados posteriores, o que acaba fornecendo um quadro bastante confuso[4]. Mas, além disso e, principalmente, esse esforço busca traçar a trajetória de termos cujos significados são importantes para compreender características da identidade das famílias que atualmente se auto-denominam Karipuna. Não tenho dúvidas que, quando conhecedores deste estudo, os Karipuna utilizarão estes dados para redefinir novos contornos a essa identidade.

1) Os *Caripous* de Mocquet e D'Avity

Em 1604, Jean Mocquet ingressa na expedição de La Ravardière às "Índias Ocidentais", visitando a atual costa norte do Brasil. Seu relato de viagem é publicado em 1617 no volume ilustrado: *Voyages en Afrique, Asie, Indes Orientales e Occidentales*. O livro II dessa obra é praticamente todo dedicado ao que denomina "*pays des Caripous e Caribes*"[5]. O relato é bastante genérico e voltado para aspectos pitorescos, no melhor estilo das narrativas de viajantes. Paranhos (1945:97), preocupado em estabelecer com precisão os limites entre Brasil e França, considera que os detalhes do texto de Mocquet não são

---

[3] Lux Vidal, comunicação pessoal. Essa hipótese se baseia em estudos linguísticos que apontam termos correlatos a "karipuna" como termos de alteridade em outras línguas Caríb (Eliane Camargo, p.ex., menciona o termo "karipono" como termo de alteridade em Wayana, comunicação pessoal).

[4] Hurault (1972:69), por exemplo, afirma que a expedição de La Ravardiére e Guy (sic) Mocquet encontrou os Caripou, facção dos Palikur, e os Yayo. Essa afirmação condensa dados de vários autores posteriores, como mostrarei a seguir.

[5] Os etnônimos em itálico reproduzem os termos tais quais usados pelo autor em questão.

confiáveis. Da nossa parte, não podemos deixar de considerá-lo como uma fonte[6].

> "Chegando nesta terra de Yapoco, nós deixamos o rio das Amazonas à esquerda , além do qual em direção ao sul está o grande país do Brasil, e deste em direção ao norte estão os Caripous e os Caribes." (Mocquet,1617:80)
>
> "O Rei deste país de Yapoco, chamado Anacaioury, fazia então que se preparassem as canoas para ir contra os Caribes, o que foi a causa de não podermos então fazer grande troca neste lugar. Pois estavam todos empenhados em trabalhar, uns nas canoas, outros a fazer as armas para seu uso, outros a acomodar os mantimentos, o que faziam as mulheres..." (id.ib.:82)
>
> "Eu vi na casa deste Rei uma Caribe escrava que eles faziam trabalhar para preparar estes mantimentos de guerra. Esta pequena armada naval era de cerca de 35 canoas com 25 ou 30 homens em cada uma." (id.ib.:84).

Sobre os idiomas, Mocquet ressalta a diferença entre o *Caripou* e o *Carib*, e apresenta alguns termos do segundo[7].

> "...além do que é uma língua bem particular, e diferente mesmo daquela dos Caribes, e têm bastante dificuldade de se entender, ainda que só estejam a trinta léguas uns dos outros." (id.ib.:100).

Mocquet descreve o vinho de frutas espumante que ali tomou, a fabricação de beijus, as privações alimentares dos guerreiros que, após matar algum inimigo em combate, comem apenas beiju e batatas e, sobretudo o caráter amável dessa população, que parece tê-lo impressionado sobremaneira:

> "Eles não gostam das pessoas tristes ou mal-humoradas, e se você se diverte com eles ou os toca brincando, isto deve ser feito rindo. (...)"
>
> "Acredito que estes Caripous, de todas as índias é a nação mais doce e humana. Eles são muito zelosos da honra, e de agradar aqueles que os visitam...(...)"
>
> "De resto esses povos Caripous são grandes inimigos dos Caribes, e se fazem uma guerra mortal. Os Caribes comem os Caripous, mas os Caripous não comem os outros." (id.ib.:82-88)
>
> "...estes povos, por tão selvagens que sejam, são grandes amigos da honra e sobretudo do que é justo e verdadeiro; o que têm em sua natureza, tendo em grande horror os maus e enganadores, enquanto são amigos dos bons e virtuosos. Eles também não gostam do covarde ou pusilânime, mas têm grande consideração aos valentes e corajosos." (id.ib.:100)

---

[6] As citações apresentadas a seguir foram traduzidas por mim, para facilitar a leitura do francês antigo. Os textos originais são apresentados em Tassinari 1998, Anexo 2.

[7] Dentre as palavras citadas por Mocquet: sol = ouayou, lua = nona, estrela = cherica, céu = capo, nuvens = conopo, fogo = ouato, água = tonna, mar = paraná, mato = uropa, boca = pota, olhos = onou, cabelos = omchay. (id.ib:133).

Graças a Mocquet, os *Caripous* aparecem pela primeira vez em documentos históricos como uma população doce e amável, livre do estigma de canibais. Por idealizada que possa parecer tal descrição, ela vem pela primeira vez conferir conteúdo a um termo semelhante a Karipuna. As ilustrações da edição de 1617 contribuem para substantivar o etnônimo *Caripou* na história, ainda que através de figuras humanas no estilo clássico. O chefe *Anacaioury* e sua armada de 35 canoas serão citados em várias outras obras, assim como a guerra com os *Caribes*.

Em 1643, Pierre D'Avity publica *Description Generale de L'Amerique*, utilizando os dados de Mocquet para descrever o que chama de "*Pays des Caribes*" e "*Pays des Caripous, ou D'Yapoco*". Sua descrição situa os *Caripous* no mapa da América, descrevendo as trocas realizadas com os franceses: borracha, tabaco, plumas de garças e papagaios trocadas por machados, facas e miçangas dos franceses. Naquela época, o termo "bréfil" que depois nomeará nosso país, aparece para designar a matéria prima das flechas e "espadas" usadas pelos *Caripous*.

Para melhor caracterizar essa designação substantiva do termo *Caripou* em referência a um determinado povo, utilizo algumas informações de Nimuendaju (1926). Este autor comenta que, ainda no século XVII, os padres A.Biet e P.Pfeil associam os *Caripous* de Mocquet com os *Palikur* e os *Caribes*, respectivamente. Nimuendaju, por sua vez, vai identificar os *Caripou* com o grupo *Yao*, baseado em textos de Laet, Harcourt e LaBarre. Interessa comentar as fontes usadas por Nimuendaju, pois trazem informações importantes para entender a trajetória do termo Karipuna.

O Pe.Biet (1664) apresenta uma longa descrição dos *Galibis*, em guerra constante contra os *Palicours*. A expedição da qual Biet participa, em 1652, percorre os rios *Piragüe*, *Oüyapoque*, *Epicouly* e *Ouyaca* em busca dos *Palicours* e *Maronnis*, com os quais desejavam estabelecer uma aliança para os incitar à guerra contra os *Galibis*. No entanto, não encontram na região nenhum "*sauvage*". A associação que Biet faz dos *Caripous* com os *Palicour* aparece em meio a uma descrição sobre uma visita que os *Galibis* fizeram aos *Racalets*:

> "Foi no mês de Junho perto do dia de São João do ano 1652 que eles empreenderam esta viagem, sendo que o motivo era atrair a nação dos Racalets, que é bem pequena e que habita um país muito inundado, suas terras estando quase todas alagadas, para vir ficar e habitar entre eles, nestas grandes e belas terras que não são absolutamente habitadas, e para se tornarem mais fortes e mais temidos contra os Palicours seus principais inimigos, que o senhor Moquet na Relação de sua viagem chamou Caribous.". (Biet,1664:371)

Portanto, Pe.Biet não chegou a encontrar os *Palicours* e parece não ter tido outro motivo para associá-los com os *Caripous* de Mocquet a não ser o fato de serem os grandes inimigos dos *Galibis* (os *Caribes* de Mocquet).

A associação feita pelo Pe.Pfeil com os *Caribes* também não parece ter tido maior embasamento. Só pude ter acesso ao exerto das notas manuscritas de 1682 apresentado na obra de Rio Branco (Paranhos,1945,IV:97)

onde afirma que os povos *Norevákes*, os *Caribes*, são os que D'Avity chamou *Caripous*.

Já a associação dos *Caripous* com o povo *Yao* feita por Nimuendajú é bem mais consistente. Baseia-se em três relatos do século XVII: Harcourt, Laet e LaBarre, que citam *Anacaioury* como chefe dos *Yao*, mas cuja liderança se extendia também a vários outros povos da região. Segundo o relato de viagem de Harcourt, publicado em 1613:

> "Além do país de Morrownia em direção ao sul margeando o rio de Arwy, está a Província de Norrak; o povo dali são Charibes, e inimigos tanto dos Morrowinnes, os habitantes de Morrownia, quanto dos Wiapocoories, que estão também sob a sujeição de Anaky-u-ry o Chefe e Senhor supremo, ou Cassique de todos os Yaos nestas Províncias,...". (Paranhos1945,IV:101).

A conclusão de Rio Branco sobre esse excerto também é significativa:

> "Assim, segundo Harcourt, os Wiapoccories, quer dizer, os Índios de Wiapoco, ou Oyapoc ou Yapoco, - o rio do Cabo d'Orange, - encontravam-se também sobre a sujeição de Anakaioury, "cacique" de todos os Yaos, do Amazonas ao Essequibo. Sobre o mapa de Tatton, de 1608, desenhado segundo as indicações de Harcourt e de seus oficiais, o nome de Anacory é escrito sobre o Cassiporough ou Cassiporé, e esta legenda se extende sobre as terras das duas margens do rio e é situada entre a costa do Watz, ou Uaçá, que desagua na baía do Wiapoco ou Oyapoc." (id.ib.:101,102).

Jean de Laet, na obra *L'Histoire du Nouveau Monde ou Description des Indes Occidentales*, de 1640, nos fornece um quadro bem mais completo dos habitantes da região do Oiapoque, e mais preciso quanto à sua localização.

> "Do rio de Cassipoure (como Harcourt escreveu) em direção do Arracouw, e mais adiante no interior do Continente até o rio d'Arwy (que deságua no Wiapoco acima do salto), são situadas as Províncias dos Arracoris e dos Morounias; as quais não são menos belas e férteis que estas de Cooshebery. A Província de Arracooria é bastante povoada, ela obedecia na época a um Cassique chamado Ispero. Apesar dos Arracoris e daqueles de Wiapoco parecerem ser amigos, e não fazerem guerra uns aos outros, entretanto, eles têm certos rancores entre eles.
>
> Marounia é também habitada por muitos Selvagens, que são considerados por todos como sendo humanos para com os Estrangeiros; praticamente ao meio da qual há uma alta montanha formada pela natureza em forma de pirâmide, do alto da qual há uma bela perspectiva de todos os lados do país que está acima.
>
> Após Marounia logo em direção ao Sul e através do leito do rio d'Arwy, uma outra Província que chamam Norrack, os habitantes da qual são Caribes, e inimigos de Morounias e daqueles de Wiapoco; pois estas duas nações, como também muitos outros selvagens ao longo da costa, são súditos de Anakyari, grande Príncipe dos Yaos, os quais ocupam toda a costa até o rio Essequibo." (Laet 1640:576)

Mais adiante, Laet descreve a atual bacia do Uaçá, apresentando-nos uma toponímia muito próxima da atual: *Arracouw* (rio Urukauá), *Ycoripe* (Rio Curipi), *Tamine* (igarapé Taminã), *Watz* (Rio Uaçá). O interessante é que o Urukauá aparece como rio principal, e os rios Uaçá, Curipi e até o igarapé Taminã como seus tributários. Subindo o *Arracouw* a partir do *Cap d'Orange*, Laet nos descreve a "Província dos Arracosis", provavelmente os Palikur:

> "Dobrando este Cabo, a terra firme se curva em direção ao Sul, e ali deságua o rio Arracouw, largo em sua embocadura quase em meia légua, descendo de muito longe do interior do país e da Província dos Arracosys, que sendo amigos dos Yaos fazem guerra contínua ao encontro dos Mays. Arracoa recebe outros rios à direita e à esquerda, entre outros Arcohile que aqueles de nossa nação visitaram no ano 1600, e tendo subido cerca de duas léguas encontraram outro que chamamos Ycoripe, três léguas mais adiante um terceiro chamado pelos Selvagens Tamine, que é bem profundo, mas tão calmo que parece que não corre absolutamente, de lá subindo quatro léguas acima, eles encontraram uma vila de Selvagens chamada Sapyten e através das florestas e de um profundo pântano eles passaram em outra chamada Awarapatan. Entretanto, Harcourt escreveu que no interior do Continente deságua no Aracoa o rio Wats, do qual nós não soubemos mais nada.".(Laet 1640:576)

Sobre os habitantes do *Wiapoco* (Rio Oiapoque), Laet afirma:

> "Os Selvagens que habitam as margens deste rio e o Continente vizinho, são na maioria Yaios ou Maraons, uns e outros bastante corteses e bondosos: os Yaios se localizam em torno da embocadura do rio a ao longo da Costa até Commaribo, e os Maraons no interior do país até o salto do rio e mesmo acima: há também alguns poucos Arwacas, principalmente entre Waymari e Commaribo..." (id.ib.:577).
>
> "Os Selvagens que habitam o Continente são principalmente da nação que chamamos Yoas, de uma bondade natural: no interior do país há outros que ali habitam, principalmente os Arwaques, e igualmente os Cockattuway, Pattecui, Tockianes e Arytanes, e enfim os Comoes e Wacdehanes. Aos quais outros acrescentam os Maraons, que habitam Sapno, Wewey, Anewyan, Quarian e Wetaly: e os Arowians, que possuem as outras ilhas...". (id.ib.:573).

Laet localiza, portanto, os *Yaos* (*Yaios, Yoas*), na região da embocadura do Oiapoque e ao longo da Costa, os *Maraons* (*Marounias*) na região próxima ao salto do Oiapoque e rio acima, mencionando uma montanha em forma de pirâmide que suponho se tratar da Karupina, próxima do alto curso do Urukauá. Os *Arracosis* (*Arracoris*) são situados propriamente no que chamamos aqui de "região do Uaçá", compreendendo os cursos dos rios Curipi, Urukauá, Uaçá e também do Cassiporé, mais a leste. A sudoeste da Província de *Marounia*, Laet situa a Província de *Norrak*, onde habitam os *Caribes*. É interessante comparar o território ocupado pelos *Yaos*, toda a Costa do

Oiapoque até o Essequibo, que no século XVIII é atribuído aos Galibi, sendo que os *Caribe* são reduzidos, no relato de Laet, às proximidades do *Arwi*, tributário do Oiapoque.

Sobre as relações inter-étnicas depreende-se uma guerra contínua entre *Arricosis* e *Mays*, a aliança entre os *Arracosis*, os *Yaos*, os *Marounias* e "*ceux de Wiapoco*" contra os *Caribes*, considerados "inimigos", uma relação de amizade entre os *Arracoris* e os *Yaos*, e uma relação de aparente amizade, mas com algum rancor, entre *Arracoris* e "ceux de *Wiapoco*". Aqui permanece uma dúvida sobre os habitantes do Wiapoco: quando Laet menciona "*ceux d'Wiapoco*" refere-se aos *Yaos*, ou a outro grupo distinto? Algumas passagens favorecem a segunda hipótese, como quando o autor afirma que os *Caribes* são inimigos dos *Marounias* e de "*ceux d'Wiapoco*", ambas nações sujeitas ao chefe *Anakayouri*, grande príncipe dos *Yaos*. Parece ser razoável a associação deste grupo com os *Caripous* de Mocquet, que também os menciona como os habitantes do *Pays d'Yapoco*. Porém, com as poucas informações fornecidas por Mocquet, é impossível chegar a qualquer conclusão precisa sobre os *Caripous*: corresponderiam aos *Yaos*, seriam um sub-grupo dos *Yaos*, seriam um povo "vassalo" ao chefe *Anakayouri* dos *Yaos*? Mas, de qualquer forma, há várias informações que permitem algum tipo de associação entre os *Yaos* de Laet e os *Caripous* de Mocquet, (além do caráter amável e bondoso desses povos, que parece ter causado muito boa impressão): o território, a guerra com os *Caribes*, a liderança de *Anakayouri*, e a distinção destes, dos *Marounias* e dos *Arracoris*.

Há ainda mais um ponto da descrição de Laet que merece ser destacado: a extensão da chefia de *Anakayouri* e a origem do povo *Yao*, inclusive recuperando dados do século XVI. Através de informações de Keymis, Laet nos informa sobre uma migração dos *Yaos* da região do Orenoco para o rio Oiapoque, pressionados pelos Espanhóis, sendo encontrados na região do rio *Approuague* até o final do século XVI.

> "Além de Arrawary até o rio de Cassiopurough fica a Província de Arricary, compreendendo as possessões dos Arrawary, Maicary e Cooshebery, sobre as quais comanda Anakyary da nação dos Yaios, que tendo sido expulso das Províncias situadas ao longo do Orenoco, pelos Espanhóis, dos quais é inimigo mortal, se transportou dessa Província com sua gente e se situou em Mooruga na Província Maicary. Na direção Nordeste deste Província deságua ao mar o rio Conawini, onde terminam os limites da região dos Cooshebery, da qual o cacique se chama Leonard Ragapo, vassalo de Anakiary, que foi levado para a Inglaterra por Ralegh, onde foi batizado, de onde vem que ele é seu grande amigo e sabe um pouco de sua língua." (id.ib.:575).
>
> "O inglês Laurens Keymis escreveu, que no ano 1596 encontrou ali [Apurwaka] os Selvagens da nação Yaos, que há pouco tempo haviam se retirado para lá, tendo sido caçados pelos Espanhóis de Moruga e das Províncias situadas ao longo do rio do Orenoco, que os Arwacas possuíam então, nação vagante e sujeita aos espanhóis. Pois estes Yaos, como ele conta, haviam ocupado o litoral, e estavam acostumados para se distinguir das outras nações, de se marcar a face e o resto do corpo de certas marcas, se servindo para isso de dentes pontiagudos de certos

animais pequenos(...) Os de nossa nação que visitaram estas costas no ano 1598, encontraram os mesmos Selvagens. Mas Harcourt que ali esteve alguns anos depois, disse que não encontrou nenhum.

Keymis recebeu dos Selvagens um certo tipo de madeira, que estimou ser o Brasil, que os selvagens chamam Urapo,..." (id.ib.:579).

Dois mapas de Pierre-du-Val citam os *Caripous* na região do Rio Comté, que deságua junto à Ilha de Caiena, trecho que corresponde ao citado trajeto migratório dos *Yaos*. O primeiro, de 1654, distingue os *Caripous* dos *Yaos*, estes últimos localizados na margem direita do rio. O segundo mapa, de 1665, cita apenas os *Caripous* abaixo da Ilha de Caiena. (Paranhos 1945,III).

Finalmente, considero as informações do terceiro autor usado por Nimuendaju para identificar os *Caripous* aos *Yaos*. Lefebvre de La Barre, em sua *Description de la France Equinoxiale* de 1666, apresenta uma visão distinta da chefia de *Anacaioury*, mas também o coloca como membro do povo *Yao*:

"O Rio de Yapoco que está sob este Cabo é amplo (...) Os Índios Yaos têm ali uma moradia mais bela e melhor cultivada do que poderíamos esperar do cuidado bárbaro destas pessoas que ali são em número de cerca de trinta e cinco ou quarenta. Eles são tão antigos habitantes destas Costas que eu conheci e falei muitas vezes com um Anacaioury, neto de um Anacaioury que Jean Mocquet disse ter visto em 1604, Rei deste País. No que ele erra, não tendo esses povos Reis de maneira nenhuma, mas Chefes de cada Família, como este Anacaioury era então daquela com a qual Mocquet negociou"... (Paranhos 1945,IV:102).

Nesse trecho, LaBarre associa sem qualquer problema os *Indiens Yaos* que conheceu enquanto habitantes do *Yapoco* e o grupo descrito por Jean Mocquet. Porém, reduz a extensão da chefia de *Anacaioury* ao âmbito familiar, o que poderia ser verdade para outras chefias, ou mesmo para o neto homônimo de *Anacaioury*, mas dificilmente se aplicaria a esse líder, conforme se depreende das citações feitas por outros autores que falam de povos "vassalos" e "sujeitos" de *Anacaioury*, também chamado de grande Príncipe, Rei e "cacique". Provavelmente, não há contradição alguma entre os dados desses autores, cada um correspondendo a um momento da vida do grupo *Yao*, de acordo com as alianças estabelecidas pelos sucessivos líderes.

Esses dados revelam a primeira ocasião na qual um etnônimo semelhante a "Karipuna" adquiriu uma referência substantiva nos documentos históricos, através do termo *Caripou* usado por Mocquet e D'Avity, denotando um determinado povo que outros autores denominaram *Yaos*. Do pouco que se pode recuperar desses relatos, os *Yaos* migraram da região do Orenoco perseguidos pelos Espanhóis, fixaram-se próximos ao Aprouague até o final do século XVI e já no início do século seguinte estavam estabelecidos na embocadura do Oiapoque e na região costeira até Comaribo[8]. Como vimos, o mapa de Pierre-du-Val cita os *Caripous* próximos da ilha de Caiena. No início do

[8] Vale mencionar aqui um interessante dado da história oral dos Baniwa do Rio Içana, para os quais, atualmente, o termo "Karipuna" designa um povo do Rio Orenoco (Segundo Robin Wright, comunicação pessoal).

século XVII o chefe *Yao Anakayouri* tinha sua liderança extendida aos povos que habitavam o vasto território desde o Amazonas até o Essequibo, em aliança contra os Caribes. Porém, segundo o relato de LaBarre de 1666, sabe-se que já em meados do século essa liderança não existia mais, e os *Yaos* ocupavam somente a região do Rio Oiapoque. Hurault, com base na mesma fonte, informa que no ano de 1666 o grupo *Yayo* estava reduzido a 40 pessoas (Hurault 1972:85). Sabe-se, ainda, que para se distinguir dos outros povos, os *Yaos* usavam dentes de animais para imprimir marcas no rosto e no corpo. Laet (1640) nos apresenta um pequeno vocabulário na língua *Yao,* onde se pode perceber a semelhança com palavras Caríb e um termo derivado do espanhol[9].

Dreyfus, com base em informações de L.Keymis e C.Leigh, confirma a filiação dos *Yaos* ao tronco linguístico Caríb e comenta o caráter circunstancial da aliança estabelecida por este grupo contra os *Kaliña*:

> *"... at the beginning of the 16th century, the Carib-speaking Yao of Trinidad were on friendly terms with the Kaliña of the mouth of the Orinoco and fought against the Lokono who, according to Keymis, 'had taden from them many of their wiues and children' (Keymis1904:456; see also Williams 1924:359). Fleeing from the Spaniards, the Yao moved to Eastern Guiana to the mouth of the Oyapock River where, one century later, the Kaliña of Cayenne were their worst enemies (see Charles Leigh in Purchas 1905-1907:317)."* (Dreyfus 1983-1984:46).

2) Os *Kalinago/Kaliponam* das Pequenas Antilhas

Ainda no século XVII, tem-se notícias dos *Kalinago*, grupo de língua Arwak proveniente das Pequenas Antilhas e aliado tradicional dos *Kalinya* (autodenominação dos *Galibis* ou *Caribes*). S.Dreyfus (1983-84,1993), pesquisadora da região, informa que os *Kalinago* são mencionados como um grupo canibal e extremamente belicoso, cuja aliança com os *Kalinya* dificultou o estabelecimento dos espanhóis no médio Orenoco no decorrer do século VXII. Segundo Dreyfus (1993:37), o termo *Kalinago* era uma auto-designação usada pelos homens em suas relações com outras etnias locais, como forma de se aproximar dos aliados de lingua Caríb, os *Kalinya*. No entanto, a auto-desingação na língua materna Arwak era *"Kaliponam"*.

Os *Kalinago/Kaliponam* teriam auxiliado os franceses a se estabelecerem em Caiena em 1643 e contribuído para as rebeliões dos *Kalinya* no Orenoco em 1684 e no Guarapiche em 1719. Após 1666, devido a tratados entre franceses e ingleses, perderam seu território nas Pequenas Antilhas, ficaram confinados a algumas poucas ilhas e acabaram desaparecendo quase por completo ao longo do século XVIII (id.ib.:30).

Em 1797, um grupo de mestiços de *Kaliponam* e de negros marrons, os *"Black Caríbs"*, foram deportados pelos ingleses para a Honduras

---

[9] Dentre as palavras citadas por Laet: Lua = Nonna ou Noene, Sol = Weyo, Céu = Capou, Estrela = Chirika, Ar e Vento = Pepeïte, Chuva = Kenape, Terra = Soye, Mar = Parona, Fogo = Ouapoto, Tigre = Aroua, Cachorro = Pero.

Britânicas (atual Belize). Este grupo ainda conserva a língua arwak e a autodenominação: *Garifuna*, para o coletivo, e *Garinago*, no singular. (id.ib.:40)

As informações sobre os *Kalinago/Kaliponam* são desconcertantes, pois invertem todas os dados anteriores sobre os *Caripou/Yao*. O termo *Kaliponam*, e sua posterior curruptela em *Garifuna*, são auto-denominações na língua Arwak. Trata-se de um grupo belicoso e canibal, e ainda aliado dos *Kalinya/Caribes*, os inimigos dos *Caripou/Yao*. Mas, apesar dessas inversões, percebe-se que o local de origem dos *Kaliponam* e dos *Yaos* são bastante próximos: a região do Orenoco e a ilha de Trindade no caso destes, e as Pequenas Antilhas no caso daqueles. Seria possível fazer alguma associação entre os *Yao/Caripou* e os *Kaliponam/Kalinago*, considerando as informações de Keymis acima citadas (Dreyfus 1983-84:46) que apontam, no início do século XVII, os *Yao de Trinidad* em bons termos com os *Kalinya do Orenoco*, ambos de fala Carib, sendo este último aliado tradicional dos *Kaliponan* de fala Arawak, mas que utilizavam o etnônimo *Kalinago* para se aproximar daqueles de fala Carib? Poder-se ia, assim, associar os *Kaliponam* aos *Caripous*, ambos tidos por grupos aliados ou vassalos dos *Yao*? Viria daí a citação dos *Caripou* por Pierre-du-Val próximos da Ilha de Caiena nos mapas de 1654 e 1664, logo após a época em que os *Kaliponam* auxiliaram os franceses a se estabelecerem alí em 1643?

Mais do que chegar a uma resposta definitiva (já que dados substantivos sobre as populações designadas pelos termos são escassos e impedem fazer qualquer inferência mais segura), essas informações e reflexões apontam para a imbrincada rede de relações estabelecidas naquela região entre povos indígenas de falas diversas, bem como para o caráter circunstancial das alianças estabelecidas entre os grupos, hierarquizados a partir da figura de certos líderes, conforme a contingência de guerras ou, ainda, conforme a época, separados em pequenos grupos familiares (como o grupo *Yao* mencionado por LaBarre). Circunstancial também parece ser a utilização de termos de auto-designação, como no caso dos termos *Kaliponam/Kalinago*, usados em diferentes contextos.

Em meio a essa rede de relações, é relevante apontar para a antiguidade dos termos semelhantes a "Karipuna" na região do Oiapoque e das Guianas. E, para além da diversidade dos grupos que esses termos designaram no século XVII, é possível encontrar um ponto comum a partir das relações estabelecidas com os europeus: dos belicosos *Kaliponam*, inimigos dos espanhóis, aliados dos *Kalinya*, amigos dos franceses, aos amistosos *Caripous/Yaos*, que fugiram dos espanhóis, inimigos dos *Caribes*, em relações de comércio com os franceses. Ou seja, ainda que varie a relação de amizade ou hostilidade entre os *Kaliponam/Caripous* e os *Kalinya/Caribes*, permanecem invariáveis as relações de inimizade com os espanhóis e de aliança e troca com os franceses. No século seguinte, será justamente a relação com europeus que se destacará como polo invariável do etnônimo *Caripuna*.

3) Os *Caripuna* no século XVIII

Ao longo do século XVIII o termo *Caripuna* aparece em vários pontos do interior do continente, na região dos rios Essequibo, Rupuni e Branco (Farage1985,1991). No Atlas compilado pelo Barão do Rio Branco (Paranhos 1898 tomo VI) o etnônimo *Caripuna* aparece num braço do Rio Negro próximo ao lago Parime (mapa de S.Fritz,1717).

N.Farage (1985) comenta, sobre as fontes do século XVIII para a região do Rio Branco, que o termo *Caripuna* aparece como um pólo invariável na descrição do circuito de tráfico entre índios e holandeses. Os *Caripuna* são associados aos *Caribes* e mencionados com frequência como habitantes do Rupuni e intermediários diretos dos holandeses do Essequibo, porém, não há informações sobre o grupo, a não ser o fato de serem belicosos e antropófagos. A beligerância e o canibalismo poderiam nos levar a associar esses *Caripuna* do século XVIII aos *Kaliponam* do século XVII, e teríamos que encontrar alguma justificativa para o fato dos segundos, de fala arawak, terem sido confundidos no século seguinte com os *Caribes*.

Porém, segundo a análise de Farage e de acordo com nossa hipótese, trata-se de um termo de alteridade, equivalente ao termo *Caribe*. A autora chega, em certo ponto de sua argumentação, a considerar o termo como toponímia:

> "...a tentativa de circunscrever os Caripuna como etnia específica tem sempre esbarrado na inconsistência destas informações; o que não deixa de ser surpreendente, se considerarmos o modo relativamente preciso com que os cronistas setecentistas (...) puderam não só nomear etnias habitantes na bacia do rio Branco, como também fazer uma descrição (...) de seu modo de vida. (...)
>
> Se a designação dada pelos portugueses aos aliados dos holandeses é Caripuna, já as fontes espanholas e holandesas a eles se referem como Caribes. Ambas as designações se equivalem no discurso dos cronistas, tendo por denominador comum as características já mencionadas: sua belicosidade, canibalismo e aliança com os holandeses, para quem apresavam escravos. É bastante conhecida a sinonímia das palavras Caribe e Canibal para o período colonial,..." (Farage,1991:103).
>
> "Nesta linha de argumentação, observo preliminarmente que a designação Caripuna parece, em si mesma, propor um problema relativo à localidade: o termo puna ou pona, em várias línguas Carib, é um advérbio de lugar (...). Esta acepção, por um lado, bem pode explicar a indiferenciação que, no discurso dos cronistas, detectamos quanto à utilização dos termos Caribe e Caripuna. Por outro lado, e de modo mais importante, este dado permitiria mais uma vez questionar a identidade dos Caripuna tal como é dada nas fontes: a designação Caripuna fala de um lugar, e este lugar, no contexto do tráfico de escravos, eram as montanhas Kanuku." (id.ib.:107)

Complementando essa argumentação, Santilli (1997:22) coloca:

> "Comparando-se os mapas etnográficos disponíveis para a região do rio Branco nos séculos XVIII e XIX (...) é possível verificar que, cessado o tráfico de escravos promovido pelos holandeses, o etnônimo

Caripuna, referenciado à área do interflúvio Maú (Ireng)-Rupuni nas cartas do século XVIII, desaparece subitamente dos registros historiográficos no século seguinte, dando lugar aos Macuxi".

No século XVIII, portanto, o termo *Caripuna* pode ser compreendido não em referência a um grupo específico, mas como termo que designa um grupo indígena em relação de tráfico com os holandeses. No caso de considerá-lo toponímia, a relação índios/holandeses se mantém, já que se refere a um local chave no tráfico de escravos. Essa associação ou aliança entre índio/europeu que o termo *Caripuna* expressa será reforçada nas fontes do século seguinte, assumindo um terceiro polo: índio/brasileiro.

Ainda sobre o século XVIII, vale dizer que diversas cartas da região do Oiapoque não mencionam etnônimos semelhantes a Karipuna. O mapa de D'Anville, de 1729, cita os *Nouragues* e os *Palicours* no rio *Ycoripe* ou *Coripi*. A "*Carte des Jésuites Français de la Guiane*" de 1741 cita os *Palicours* e *Itoutanes* na região do Uaçá, e os *Kourouraoua* e *Rowraoua* no Couripi. Outro mapa de D'Anville de 1748 menciona os rios *Couripi, Wassa, Aurucaua,* habitados pelos *Palicours, Acoquas, Amicuanes (nação de orelhas grandes), Noragues e Mayez*. Carta de Bellin de 1760 situa na região do Curipi e do Cassiporé, e nas proximidades da *Saint Paul Mission* no rio Oiapoque, os grupos *Palicours* e *Itoutanes*. Um mapa detalhado de Buache e Prefontaine, de 1762, menciona as aldeias da região do baixo Oiapoque com números de moradores: *Maraoune, Aroucaoux, Palicours, Caracourious, Aribamon, Itoutannes, Mailles, Maica.* (Paranhos 1898,Atlas). Também as fontes referentes às missões que se estabeleceram no Oiapoque no século XVIII não fazem nenhuma referência a grupos *Caripuna* (Hurault 1972:128).

A única exceção encontrada diz respeito a uma corruptela do termo: uma menção aos índios *Cachipoux* que viviam no *Anotaye*, feita por Chabrillan em 1742, junto à sua descrição sobre a Missão de *Saint-Paul*: "*Em frente ao segundo estabelecimento* [da Missão] *que fica à direita, vê-se à esquerda a embocadura do rio de Noutaye, que conduz ainda aos Índios Cachipoux*" (Hurault 1972:129).[10]

4) As fontes do século XIX: Leprieur, Crevaux, Coudreau

No século XIX termos semelhantes a Karipuna voltam a ser citados na região do Oiapoque, mas sem referência à filiação linguística. A primeira menção aos *Garipons* é encontrada no texto do geógrafo M.Leprieur, que nos anos 1832 e 1833 empreende excursões à procura da fonte do Rio

[10] Karl-Heinz Röntgen, lingüista e pesquisador do *patois* Karipuna, informou-me que considera correspondentes os termos Caripou e Cachipoux, "tendo em consideração a articulação muito uvular e fricativa do 'r', a qual, também hoje, é semelhante ao 'j' espanhol, sendo o 'ch' só uma grafia aproximada". O mesmo pesquisador também questionou a ausência deste termo no século XVIII na região guianense, pois teve acesso a outro documento que cita os *Calipourns*, referente ao ano de 1780 (Lescallier), e considerou as informações de Coudreau (1983:27) sobre a família do Gnongnon, que "permite supor a existência deste nome já em meados desse século" (correspondência pessoal).

Oiapoque e de uma passagem entre este e o Amazonas. Sobre as nações indígenas da região, menciona:

> "Les nations indiennes avec lesquelles j'ai eu des relations pendant mon voyage, sont peu nombreuses en individus, et presque toutes, les débris de nations autrefois considerables; leur caractère est généralement doux; (...)
>
> Des Pyrious, des Marauanes et quelques Arouargues, tous, au nombre de quelques centaines, habitent toute la partie de l'Oyapok inferiéure à sa jonction avec le Camopi; parmi eux existent quelques familles Noragues, Roucouyemes, Galibis et Garipons, tandis que les bassins de la riviére de Ouassa et de ses deux affluens Couripi et Rokawa sont habités par les restes des nations Palicours et Toutanes,...". (Leprieur,1834:233)

A título de referência, vale mencionar que, em 1868, o engenheiro alemão Franz Keller-Leuzinger [1874], encontra índios *Caripunas* numa região bastante distante: a do Rio Madeira. Em seu relato de viagem, faz rápidas menções a algumas aldeias e descreve o contato estabelecido por sua expedição com uma delas. Aponta os índios como perigosos, não faz menção à língua usada pelo grupo, não descreve a aldeia. Mas apresenta algumas imagens sobre os *Caripunas*. [11]

Na região do Oiapoque, as próximas citações de etnônimos semelhantes a Karipuna se referem às últimas décadas do século, fornecidas por Crevaux(1883) e Coudreau (1887,1893). Coudreau (1887) traz dados sobre uma primeira viagem que fez ao *Counani* e *Ouassa*, realizada em 1883. Nesse trabalho, descreve a hidrografia e o relevo da região e faz uma descrição das divisões administrativas entre o Oiapoque e o Araguari. É interessante colocar, para futuras pesquisas em arquivos, que a região se dividia em duas circunscrições (colônia do Araguari e colônia do Apurema) e 6 capitanias independentes, sendo o *Ouassa*, o *Rocaoua* e o *Couripi* as três capitanias do interior, e o *Cachipour*, o *Counani* e o *Mapá* três capitanias litorais. Sobre os habitantes da região, Coudreau informa:

> "Dans le Couripi, vivent des esclaves brésiliens réfugiés; dans le Racaoua, des Palicours; et dans le Ouassa, au-dessus du confluent du Rocaoua, des Arouas". (Coudreau 1887:XXV).
>
> "...les trois capitaineries du Ouassa sont peuplées d'Indiens (Palicours, Arouas, etc..), débris des anciennes tribus. Ces Indiens sont de race pure à Ouassa, très peu mélangée à Rocaoua, et légèrement croisée d'Européens, de noirs et de mulâtres, à Couripi. (...)La langue des trois capitaineries littorales et des deux colonies brésiliennes est le portugais, langue maternelle ou habituelle des réfugiés qui peuplent ces régions. Les quelques Français établis dans le pays ont appris la langue de la majorité. La langue des deux capitaineries indiennes intérieures est dérivée du tupi-caraïbe, avec un dialecte pour Ouassa, et un autre pour

[11] Atualmente, em Rondônia, vivem apenas oito indivíduos Karipuna na A.I.Karipuna, município de Porto Velho (Ricardo,1996).

Rocaoua. A peu près partout le français, ou plutôt le créole de Cayenne, est compris". (id.ib.:XXXIII)

Essas informações são relevantes por citar os habitantes de cada um dos rios da região: no *Ouassa* menciona os *Arouas*, considerados "de raça pura", no *Rocaoua* localiza os *Palicours*, "bem pouco misturados", enquanto refere-se aos habitantes do Curipi como "escravos brasileiros refugiados". Cada grupo forma a população de uma das três capitanias do interior, estimadas por Coudreau em cerca de 100 habitantes cada uma. Em outro trecho, o autor faz distinção das aldeias principais de cada capitania, todas consideradas "verdadeiras aldeias de índios": "*Les chefs-lieux sont des villages peu importants. Couripi, Rocaoua et Ouassa on environ chacun de 50 à 70 habitants (...)sont de véritables villages d'Indiens.*" (id.ib.:XXXIV).

Coudreau realiza outra excursão à Guiana Francesa entre 1887 a 1891. É quando fala sobre o surgimento de um "novo elemento étnico": o índio mestiço ou civilizado. Em meio a esses "índios civilizados do Oiapoque", o autor distingue cerca de vinte *Caripounes*, falantes de um idioma específico, o *caripoune*, da família Oyampi. Percebe-se, então, que essa etnia não foi mencionada no trabalho anterior de Coudreau, por ser habitante do Baixo Oiapoque, e não da bacia do Uaçá. De fato, no mapa que acompanha o primeiro trabalho (1887), várias etnias são mencionadas nos vales do Uaçá e Oiapoque, entre elas os *Garipons*. No trabalho seguinte (1893), um mapa menciona apenas as etnias *Palicours* e *Arouas* e define os habitantes do Curipi como "*négres*". Porém, a descrição do autor sobre os habitantes do Curipi, do Uaçá e do Urukauá (1893:376-379) faz várias menções a indivíduos *Caripounes*, distinguindo-os, naquele momento, dos "brasileiros refugiados" habitantes do Curipi:

"Le Couripi est peuplé principalement de Brésiliens réfugiés. La population du Ouassa et du Rocaua est indienne: des Arouas à l'Ouassa, des Palicours au Rocaoua.(...) Le capitaine du Ouassa est Régis, vieil Indien du Brésil, Caripoune d'origine à ce qu'on dit. Régis n'a plus aujourd'hui d'autorité, à cause de son grand âge."(id.ib.:377)

"Chez Régis habite un de ses hommes, appelé Louis-Baptiste, qui parle non seulement l'aroua, mais encore le caripoune et le maraone. Ce dernier dialecte est aussi parlé par un autre Aroua, appelé Narcisse. Le capitaine Régis et un nommé Henri Caïman passent pour parler l'aroua le plus pur, ainsi qu'une certaine Mme. Laze, habitant du Curipi. (...)

Il existe une vingtaine de Caripounes parmi les Indiens civilisés du Bas Oyapock. Le dialecte Caripoune est de la famille Oyampi. Agoustine, du Couripi, patron du bateau qui m'emmène à Cayenne, est Caripoune. Il parle très bien ce dialecte. Le capitaine Régis, du Ouassa, capitaine des Arouas, est aussi Caripoune. C'est Agoustine et Régis qui connaissent le mieux ce dialecte." (id.ib.:378)

"Caripounes et Arouas parlent géneralement le créole de Cayenne. Les Palicours, moins. Toutefois Palicours et Arouas, entre eux, ne parlent que leur propre dialecte." (id.ib.:379)

Com essas informações de Coudreau, podemos dizer que no final do século XIX, no baixo Oiapoque, algumas etnias indígenas se destacavam do restante da população da região, composta por "índios civilizados" com hábitos "creolizados": os *Palicours*, os *Arouas* e os *Caripounes*. Os primeiros habitantes do *Rocaua*, os segundos do *Ouassa* e os terceiros, moradores do *Bas Oyapock*. O Curipi, na ocasião, era habitado por *brasileiros refugiados*, além de alguns membros das etnias indígenas locais: "uma certa Mme.Laze, falante do aroua mais puro", e Agoustine, *caripoune*, dirigente do barco que levou o autor a Cayena. Gostaria de enfatizar a distinção que Coudreau faz entre a população local, de hábitos creolizados, que o autor chama de "índios mestiços" ou "civilizados" e a população do Curipi, definida como "brasileiros refugiados", a qual suponho que fosse falante do português, que Coudreau em outra ocasião afirmou ser a "língua materna ou habitual dos refugiados que povoam estas regiões" (Coudreau,1887:XXXVII).

Cada etnia mencionada por Coudreau era falante de um idioma específico, sendo o *aroua* um dialeto *caraïbe*, o *caripoune* da família *Oyampi* e o *palicour* considerado um idioma curioso, por não ser nem *caraïbe* nem tupi (id.ib.:379). Coudreau cita também dois falantes do idioma *maraone*, mas que não se diferenciavam como membros de uma etnia específica.

Portanto, no século XIX o termo "Karipuna" novamente adquire uma referência substantiva na região do Baixo Oiapoque, enquanto um pequeno grupo ("*quelques familles*" segundo Leprieur e "*une vingtaine*" segundo Coudreau) diferenciado etnicamente do restante da população. Este pequeno grupo se distinguia, no início do século, de um conjunto de etnias indígenas nomeadas por Leprieur : algumas centenas de *Pyrious*, *Marauanes*, *Arouargues*, e algumas famílias *Noragues*, *Roucouyemes* e *Galibis*, além dos *Palicours* e *Toutanes*; e, mais tarde, segundo Coudreau, diferenciava-se da população de *índios civilizados*, dos *Palicours* e dos *Arouas*. As informações desse último autor nos permitem conhecer alguns indivíduos da etnia *Caripoune*: Regis, que era o capitão do *Ouassa*, e Agoustine, morador do Curipi, ambos considerados os melhores conhecedores do dialeto *caripoune*, que era também falado por Louis Baptiste[12]. Este pequeno grupo de famílias *Garipons/Caripounes* certamente fazem parte da ascendência de algumas famílias Karipuna que atualmente habitam o Curipi.

As informações de Crevaux, um pouco anteriores, trazem algumas contribuições que podem complementar os dados de Coudreau. Crevaux percorre os rios Oiapoque e Paru entre 1878 e 1879. Também menciona os "índios civilizados" do Baixo Oiapoque. Mas, para os propósitos dessa argumentação, destaco seu comentário sobre os índios *Calayouas* do *Crique Rouapir*, que une o alto Oiapoque ao alto Jari[13]:

---

[12] Esses dados foram trabalhados em campo por Laércio Fidélis Dias em janeiro/fevereiro de 1998, obtendo registro de Louis Baptiste, ascendente de alguns moradores do Curipi, conforme será detalhado no próximo capítulo. Os outros nomes citados por Coudreau não foram lembrados pelas pessoas entrevistadas.

[13] Outra referência sobre os Wayãpi do igarapé Rouapir é fornecida pela expedição de Adam de Bauve que em 1831-32 atinge as fontes do Oiapoque formada justamente por este igarapé e pelo Kouk, onde encontram uma "fração Wayapi" denominada *Aouta* (Hurault,1972:186). Uma informação semelhante foi

"Le 5 octobre, nous arrivons chez les Calayouas. Je croyais trouver là une tribu d'Indiens distincte, mais je m'aperçois que ce ne sont que des Oyampis qui ont eu quelques relations avec les Brésiliens que les indigènes de la Guyane appellent Calayouas. Ces sauvages ne procèdent pas autrement que les habitants de nos campagnes où l'on appelle Parisien tout individu qui est allé à Paris. Nous avons su depuis, par le voyageur anglais B.Brown, que les Indiens Ouapisiana qu'il a rencontrés dans le rio Cotiga, affluent du Rio Branco, désignent sous le nom de Carioua les soldats brésiliens de la petite forteresse de San Joachim". (Crevaux 1883:229)

Essa passagem é relevante porque permite retomar as informações sobre os *Caripuna* da região do Rio Branco do século XVIII. Se, naquela época, o termo designava, pelos portugueses, os índios aliados dos holandeses, no século XIX, na mesma região, os Wapixana (Arwak) usavam o termo *Carioua* para designar os soldados brasileiros. Na mesma época, no alto Oiapoque, o termo *Calayoua* refere-se a um grupo Wayãpi que teve contato com os brasileiros. Aqui cabe precisar esses termos: enquanto *Caripuna* é corruptela de um termo de alteridade Caríb (atualmente usado na língua Wayana, por exemplo), tanto *Carioua* quanto *Calayoua* são termos de alteridade de origem Tupi, corruptelas de Caraiwa, por exemplo [14]. Crevaux ainda explica que *Calayoua* é um termo diferenciador para designar aqueles do grupo que tiveram contato com brasileiros. Seria esse também o caso dos *Garipons* encontrados por Leprieur em 1832 no curso inferior do Oiapoque? A ausência de informações fornecidas pelo autor sobre o grupo impedem que se faça qualquer consideração a esse respeito. Porém, pode-se supor que seria o caso dos *Caripounes* encontrados após meio século no mesmo local por Coudreau, já que usavam um "dialeto da família Wayãpi". Essa possível associação entre as famílias *Garipons/Caripounes* do Baixo Oiapoque e o grupo *Calayoua* do Alto Oiapoque, de origem Wayãpi, não pode ser confirmada de outra maneira, ficando apenas como uma suposição.

O que fica evidente, com esses dados, é o jogo de termos de alteridade e a forma como adquirem referências substantivas em certos momentos, tomados de empréstimo por determinados grupos, nem sempre falantes do idioma onde o termo se originou, e usados para designar outros. Assim, no século XIX, temos conhecimento de vários termos de alteridade que operavam naquela região, tanto como identificador de uma população, quanto como diferenciador entre membros de um mesmo grupo, indicando aqueles que têm contato com brasileiros. No alto curso do rio Oiapoque, a palavra *Calayoua* ainda guardava a ambiguidade dos termos de alteridade. Trata-se de um caso de metonímia onde fica evidente a atribuição de um termo de alteridade (*Carioua*=soldados brasileiros) a um determinado grupo de famílias Wayãpi em contato com brasileiros (Crevaux 1883). Já no baixo curso desse rio, o termo *Garipon/Caripoune* adquire uma referência substantiva e perde o caráter de termo de alteridade, sendo usado como etnônimo de um pequeno grupo de

---

encontrada num mapa de Cândido Mendes de Almeida, de 1868, onde cita os Caripunas no *Rio Jaguaripiry* ou *Hiauapiry*.(Paranhos,1898 tomo VI).

[14] Eliane Camargo, comunicação pessoal.

famílias que se destacava do restante dos "indios civilizados" e, inclusive, dos "brasileiros refugiados" que habitavam o Curipi (Leprieur 1834, Coudreau 1893).

Sobre as famílias *Garipons/Caripounes* habitantes do baixo Oiapoque no século XIX não conhecemos outra característica além de serem falantes de um dialeto Oyampi. O etnônimo e a língua são os únicos dados que temos para diferenciá-los dos *Palicour*, dos *Arouas*, dos *brasileiros refugiados* e dos *índios civilizados* falantes do *créole*. Essa informação também pode ser usada para comparar esse grupo dos homônimos do século XVII, já que os *Caripou/Yao* falavam um dialeto Caríb, e os *Kaliponan/Kalinago* eram de língua Arwak. É mais um momento onde um termo semelhante a Karipuna, a princípio um termo de alteridade, adquire uma referência substantiva no decorrer da história da região, desta vez associado a um grupo Tupi.

É possível, inclusive, acompanhar o movimento desse termo de alteridade nos séculos XVIII e XIX: de *Caripuna*, nome usado pelos portugueses para designar os índios aliados dos holandeses, o termo passa a ser usado pelos índios para designar os brancos e, mais precisamente, os brasileiros ou os índios em contato com estes, como os termos *Calayoua/Carioua*. A associação com os brasileiros, que não aparece no caso dos *Caripounes* de Coudreau, volta a ser relevante no século seguinte, como pretendo mostrar.

5) Os "Brasileiros do Curipi"e os Karipuna, por Nimuendaju

Curt Nimuendaju percorre os rios da bacia do Uaçá em 1925. Em seu estudo sobre o grupo Palikur nos apresenta algumas informações sobre os habitantes do Rio Curipi e sobre a população denominada Karipuna. A respeito dos primeiros, num capítulo entitulado "Os Brasileiros do Curipi", Nimuendajú dá notícias de 150 pessoas espalhadas no curso deste rio, a maior parte concentrada nas dez casas junto da capela no contraforte da serra Taminã (atual aldeia Espírito Santo):

> "Estes brasileiros não são 'negros' como os qualificou Coudreau, se bem que a sua maioria tenha mistura com sangue africano. São todos mestiços. Entre eles deve-se distinguir dois grupos.
>
> Primeiramente os descendentes daquelas duas famílias de cabanos imigrados depois de 1836, revoltosos fugidos do levante já mencionado no cap.1 deste livro[15]. Nos noventa anos desde então decorridos, não tendo mais tido quase nenhum contato com outros brasileiros, fez-se sentir fortemente a influência dos creolos franceses e das duas comunidades de índios no Uaçá e no Arucauá. (...) O pajé Gomes do Curipi com o seu banquinho zoomorfo em forma de arara, o seu diadema de penas e os seus espíritos e demônios aliados não faria má figura entre

[15] No capítulo referido, Nimuendajú coloca: "*Reprimida a Cabanagem, em 1836 (...) um grande número de revoltosos vencidos com as suas famílias fugiu para a Guiana, onde alguns se fixaram no baixo Coanany, outos no Cassiporé, enquanto duas famílias numerosas se estabeleceram no rio Curipy, onde os seus descendentes ainda hoje residem*" (id.ib:11).

os Palikur, nem entre os índios do Uaçá. Toda a crença em demônios e espíritos dos índios, todas as danças relacionadas a estes com os respectivos enfeites foram adotados por estes brasileiros do Curipi, junto com o pajé, dos seus vizinhos índios. São, porém, ao mesmo tempo cristãos: a sua capela está em estado sofrível de conservação e eles festejam os dias dos santos da sua pátria brasileira com ladainhas cantadas com texto mutilado, etc. (...)

No último decênio estes antigos brasileiros do Curipi receberam um reforço de um pequeno número de famílias provenientes dos povoados da costa a leste de Belém. Estes recém chegados naturalmente não se distinguem em nada dos demais paraenses, falando entre si só o português, se bem que já tenha aprendido o creolo.

Além destas duas imigrações brasileiras, creolos, árabes, índios do Uaçá e Palikur contribuíram também em pequenos contingentes para a composição da população do Curipi". (Nimuendaju 1926:69).

Este autor é relativamente preciso quanto às origens das famílias do Curipi, tendo o cuidado de distinguir dois grupos de migrantes provenientes do Pará: o primeiro formado por duas famílias de refugiados Cabanos (incluindo o pajé Gomes como descendente desse grupo) e o segundo formado por algumas famílias da costa paraense migradas no início deste século. Sobre as outras etnias que compuseram a população do Curipi, Nimuendaju não menciona os Karipuna. O termo vai aparecer em outra parte de seu texto, quando o autor comenta a origem dos *Aruãs*:

"Desta maneira, deu-se entre os anos de 1794 e 1798, o despovoamento de toda a costa do Amazonas ao Oiapoque. (...) Sob enormes perigos, porém, uma boa parte dos índios levados do Coanany e Mayacaré, conseguiu fugir em canoas frágeis e voltar ao seu antigo refúgio. Suponho que foi nesta época que a maioria dos Aruã fugitivos se mudou para o alto Uaçá.

Entre esses fugitivos havia, entretanto, além dos índios Aruã, um número bastante grande de outros que falavam a Língua Geral Tupi. Na Guiana dava-se a eles o nome de Karipúna. Explicaram-me, in loco, que "Karipúna" não designava uma tribo, mas sim uma língua: a Língua Geral do Brasil, e que os que falavam o Karipúna eram brasileiros. Hoje, também, ali só resta a lembrança desta língua. Parece-me provável, no entanto, que antes da conquista os Tupinambá do Pará fossem designados por este nome. Com os Caripuna da região do Rio Branco, eles nada têm em comum, salvo o nome." (id.ib.:11)

Através das informações de Nimuendaju, portanto, *Karipúna* refere-se a "um número bastante grande" de falantes da Língua Geral Tupi, fugitivos das missões do Cunani e Macari que migram para o Oiapoque no final do século XVIII, juntamente com índios *Aruãs*, após ter havido o despovoamento da região pelos portugueses. Nimuendajú não menciona a fonte desta informação histórica, dizendo que obteve *in loco* um outro dado referente ao termo *Karipúna*: este é usado pelos guianenses para designar uma língua: a Língua Geral do Brasil. Tendo origem Tupi, essa língua bem poderia ser a mesma que Coudreau chama de *caripoune*, da família *Oyampi*. Porém, no

relato de Nimuendajú, o uso dessa língua não é suficiente para distinguir um grupo, pois "os que falavam o *Karipúna* eram brasileiros".

Mas, o que aconteceu com o pequeno grupo de famílias *Garipons/Caripounes* habitantes do Baixo Oiapoque mencionadas por Leprieur e Coudreau? Com as informações deste último, acrescidas das observações de Crevaux, seria possível seguir uma hipótese de que essa população tinha uma ascendência Wayãpi. Com as informações de Nimuendaju sobre os fugitivos das missões do Cunani e Macari falantes da Língua Geral, seria ainda possível explicar o reaparecimento deste etnônimo na região no século XIX, associando esses fugitivos aos grupos citados por Leprieur e Coudreau. Mas, apressadamente, Nimuendaju apresenta um quadro totalmente diferente: os *Garipons/Caripounes* viraram brasileiros!

Esse processo é bastante significativo, pois revela muito sobre a identidade atual da população do Curipi. Do ponto de vista das transformações do termo Karipuna, acrescenta-lhe um novo conteúdo: "Língua Geral falada por brasileiros" e, do ponto de vista da população pelo termo designada, vem privar-lhe de qualquer conteúdo diferenciador, pois, no âmbito do estudo de Nimuendajú sobre os Palikur e seus vizinhos, ser "brasileiro" significa não ser membro de nenhuma das outras categorias locais distintivas de identidade. É preciso lembrar que, da passagem de Coudreau à época de Nimuendaju, o contexto político da região mudou: antes área Contestada entre Brasil e França, agora definitivamente território brasileiro. Ser "brasileiro", neste contexto, é também fazer parte de uma nação, e não mais distinguir-se do restante da população "creolizada", como à época de Coudreau.

Além disso, conforme observou Lux Vidal, há uma outra característica do termo "brasileiro" que guarda grande semelhança com o uso do próprio nome "Karipuna"[16]. Através do estudo de Darcy Ribeiro (1995) sobre o povo brasileiro, percebe-se como o termo caiu bem, enquanto definidor de uma identidade, aos descendentes de índios, europeus e negros que, não sendo uma coisa nem outra e buscando ser alguém, conferem-lhe um novo significado: um identificador de um povo em formação. Diz o autor:

> "Eram as mamelucas, ingressando na história do Brasil, como suas mães primárias. Já não sendo índias, procuravam espaço para ser alguma categoria de gente digna". (Ribeiro 1995:90)
>
> "Não podendo identificar-se com uns nem com outros de seus ancestrais, que o rejeitavam, o mameluco caía numa terra de ninguém, a partir da qual constrói sua identidade de brasileiro.
>
> Assim é que, por via do cunhadismo, levado a extremo, se criou um gênero humano novo, que não era, nem se reconhecia e nem era visto como tal pelos índios, pelos europeus e pelos negros. (id.ib:109)"

Parece ter sido por esse mesmo processo de exclusão que Nimuendaju define os falantes da Língua Geral do Brasil, que migraram para a região juntamente com os *Aruãs* no início do século XIX como *brasileiros*. Seria a mesma população mencionada por Leprieur e Coudreau no século anterior

[16] comunicação pessoal.

como habitantes do Baixo Oiapoque? Mas porque teria Coudreau diferenciado os *Caripounes* dos *brasileiros refugiados* do Curipi, já que eram todos brasileiros? Seria o *dialeto Oyampi* que Coudreau chama de *caripoune* a mesma Língua Geral mencionada por Nimuendajú?

A chave do problema parece estar na questão: quem eram os falantes da Língua Geral, nesta região, no início do século XIX? Sabe-se que essa língua, que na Amazônia também é designada por Nheengatú, teve origem na língua dos Tupinambás da Costa, estudada e formalizada pelos jesuítas como idioma da catequese. (Talvez, por isso, Nimuendajú tenha se remetido aos Tupinambá no trecho em que comenta a língua *Karipúna*). Como língua franca, a Língua Geral passa a ser usada como idioma da conversão e da colonização, aprendida pelos portugueses desde o século XVII e pela população indígena não-tupinambá que passou pela experiência dos aldeamentos missionários (Borges 1994). A formalização da língua realizada pelos jesuítas e seu uso por falantes não-tupinambás vão lhe conferir alterações e empréstimos que a distanciam enormemente da sua origem tupinambá. Os portugueses e missionários a aprendem para poder se comunicar com os índios, enquanto estes, com suas origens e línguas diversas, utilizam o Nheengatú a partir de um contexto de contato com os europeus.

Em meados do século XVIII, com a política pombalina, o uso do idioma Nheengatú passa a ser proibido, sendo obrigatório o ensino e utilização do Português. Inicia-se um processo de "desnheengatuização", sendo que a língua continua sendo usada apenas nas regiões mais distantes e com menos influências das políticas coloniais (Borges id.ib.). Portanto, no início do século XIX, os falantes da Língua Geral são aqueles descendentes de índios de várias etnias que passaram nos séculos anteriores pela experiência das missões e aldeamentos e, na ocasião, encontravam-se relativamente isolados do poder e do controle colonial/imperial, e das políticas de erradicação do Nheengatú. População "mista", composta por descendentes de índios, portugueses e negros, exatamente a conjunção que forma o "povo brasileiro". População distanciada da elite, falante de uma língua já desprestigiada por ser associada ao "atraso" e à identidade "indígena".

Portanto, o próprio uso da língua Nheengatú por uma população no século XIX, é um indicador da identidade ambígua desta população, construída a partir de uma história de contatos. Identidade desprestigiada pela elite, não compartilhada com outros grupos indígenas, oscilante entre dois pólos: índio/brasileiro. É significativo dessa ambiguidade o seguinte trecho:

"Vale lembrar que, ainda recentemente, em várias localidades amazônicas o Nheengatú era considerado, por grupos indígenas, como língua de branco. Fato, aliás, no mínimo curioso e que revela parte da ambiguidade étnica do Nheengatú. Durante um certo tempo, os brancos (por exemplo os regatões) aprendiam a língua por estarem convencidos de se tratar de "língua de índio". Estes, por sua vez, a aprendiam para tratar com os brancos na própria língua desses." (Borges 1994:119)

Retomando o caso dos Karipuna, estas breves informações sobre a Língua Geral servem para complementar as informações de Coudreau, Crevaux e Nimuendaju. Considerando que o Nheengatú era o idioma de contato entre índios/brasileiros, cada qual acrescentando a ela empréstimos e transformações decorrentes de suas próprias línguas, e lembrando que corruptelas do termo Karipuna têm sido usadas para designar índios em contato com brasileiros, percebe-se que todos os autores chegam ao mesmo ponto. O termo Karipuna, enquanto designador de um idioma, pode se referir tanto à *Língua Geral* quanto a um *idioma Oyampi*. A informação de Crevaux é preciosa como exemplo de caso: que língua poderia falar o grupo de origem Wayãpi, em contato com brasileiros, designado por *Calayoua*? Um idioma Wayãpi? Uma variação da Língua Geral com acréscimos Wayãpi? A própria Língua Geral?

É importante ressaltar que o termo Karipuna encerra a mesma ambiguidade encontrada na língua Nheengatú: usada pelos índios para fazer contato com os brancos, usada pelos brancos para fazer contato com os índios. Assim também, nos desdobramentos do termo Karipuna, encontra-se uma designação de alteridade usada pelos índios para se referir aos brancos e pelos brancos para se referir aos índios. Mais do que identificar uma população ou outra, é importante considerar a própria associação entre índio/brasileiro contida nesta designação, que em tudo vai ser marca característica da identidade dos atuais Karipuna do Curipi. É nestes termos que os dados de Coudreau, Crevaux e Nimuendajú se complementam.

Pode-se concluir, a partir dessas considerações, que por ocasião da viagem de Coudreau havia no Baixo Oiapoque uma população que se diferenciava das demais pelo etnônimo *Caripoune*, falante de um dialeto do mesmo nome, provavelmente descendente dos *Garipons* mencionados por Leprieur. Além da língua, não se conhece nenhum outro aspecto diferenciador dessas famílias, mas não se pode afirmar que não existissem. Este grupo pode muito bem ser descendente do "número bastante grande" de falantes da Língua Geral que passou pela experiência das missões do Cunani e Macari e migra para o Oiapoque juntamente com fugitivos *Aruãs*, no início do século XIX, mencionados por Nimuendajú. E/ou ainda estar relacionado às famílias *Calayouas* citadas por Crevaux, descendentes de Wayãpi em contato com brasileiros.

Considero que esse pequeno grupo de *Caripounes/Garipons* não pode ser chamado simplesmente de "brasileiros", pois foram diferenciados no relato de Coudreau dos *brasileiros refugiados*, habitantes do Curipi, e mesmo da população geral formada por *índios civilizados* falantes do *créole*. Como vimos, Coudreau identifica certos indivíduos *caripounes* por nomes, inclusive revelando que residiam também nos rios Curipi e Uaçá, o que mostra uma relativa dispersão do grupo. Nos anos seguintes, provavelmente, essa dispersão continuou e as famílias deixaram de falar o dialeto que as diferenciava das demais.

Nimuendaju, no ano de 1925, não encontrou uma população designada por *Karipúna*, e recebeu *in loco* a informação de que o termo era

usado pelos guianenses para designar a Língua Geral falada por *brasileiros*. Interpreto essa informação da seguinte maneira: à questão do etnólogo sobre os *Caripounes* citados por Coudreau, diz-se que eram *brasileiros*, já que não eram *Palikur*, *Aruã*, *Maraono*, ou crioulos. O interessante é que, dois anos mais tarde, o Relatório da Expedição de Rondon (Inspecção de Fronteiras 1927) menciona os *Caripunas* como habitantes do Rio Curipi. E aqui, novamente, é preciso contextualizar a informação: a uma expedição do governo brasileiro, precisando caracterizar a população do Curipi de alguma forma, e não sendo *Palikur*, *Aruã*, *Maraono* ou crioula, diz-se que são *Caripunas*!

A partir de então, como veremos adiante, as famílias habitantes do Rio Curipi serão chamadas de *Caripunas/Karipuna*. Nos registros dos órgãos oficiais o termo volta a ter uma referência substantiva, agora abrangendo não apenas as famílias falantes de um idioma diferenciado (*Caripoune/Língua Geral*), mas aquelas residentes no Rio Curipi.

Mas o uso do termo Karipuna pelas famílias do Curipi não foi gratuito e não pode ser entendido como simples estratégia usada pela população do Curipi para se colocar frente aos agentes do governo. Procurei mostrar que o termo *Garipon/Caripoune* foi o etnônimo de um grupo de famílias diferenciadas etnicamente pelo menos até o final do século passado e que foi um dos componentes do conjunto diversificado dos antepassados dos atuais Karipuna. Usar o etnônimo para definir todo o conjunto da população do Curipi não pode ser entendido como tentativa de manifestar uma identidade inconsistente. Ao contrário, o termo vem designar uma idéia de unidade vivenciada por um conjunto de famílias ligadas por laços de reciprocidade e, assim, vem nomear uma identidade que já tem conteúdo. Vem, também, situar essas famílias no interior do contexto inter-étnico da região, marcando sua distinção com os outros povos indígenas.

6) Os Caripunas nos textos de órgãos oficiais

Dois anos depois da viagem de Nimuendaju, em 1927, o Rio Oiapoque é percorrido pela Comissão de Inspeção de Fronteiras do Ministério da Guerra, comandada pelo General Rondon. O Relatório produzido pela Comissão, não só aponta os *Caripunas* como habitantes do Curupi, como mostra que possuíam um tuxáua, da mesma forma que os habitantes dos outros rios.

> "O vale do rio Uaçá é povoado pelos remanescentes das tribus indígenas outróra ali vigorosas pelo número.
>
> Os Galibis vivem no alto Uaçá; os Paricurás ocupam o rio Urícauá; os Caripunas o rio Curupi.
>
> Entre eles vivem alguns evadidos dos prisidios franceses, que ali constituiram familias. Êstes exploram a sua infelicidade, actuando sôbre a sua fragilidade afim de lhe incutir o vicio aloolico.
>
> Vi arabes que á Clevelandia chegaram em canoas, tripuladas por Galibis, carregadas de táboas, peixe sêco e bananas com que viéram comerciar nas margens do rio fronteiriço. Concluida a venda

daquêles productos negociaram igualmente algumas das embarcações de cuja industria naval vivem também; - retrocedendo á Taba sem vintem.

(...) A lingua falada pelos indios nas suas relações com os civilisados é o patué do crioulo francês, que se infiltrou naquele meio. A moeda que recebiam por pagamento do seu trabalho ou venda dos seus productos era francêsa.

Sendo de urgência a modificação da sua mentalidade, seria, adequada a creação no rio Uaçá de um Posto Indígena, que se propuzesse a levantar ali uma Escola profissional como primeiro órgão da sua incorporação á nossa sociedade.

Nêsse sentido, e para preparar a solução desejada, solicitei do Snr. Governador do Pará fosse reservada para os indios daquele rio a área das terras em que vivem e elaboram, a seu modo, a grandeza da nacionalidade.

O etnólogo Dr. João Barbosa de Faria, que foi encarregado de estudar na sua especialidade o vale do Uaçá, de lá retrocedeu trazendo os chefes das Aldeias, Tuxáuas que dominam êste rio e seus contribuintes Uricauá e Curupí. Vieram especialmente ao meu Quartel General visitar o Inspector de Fronteiras.

Falando-lhes, procurei explicar-lhes a divisa do Brasil com a Guíana Francêsa, exortando o seu sentimento nativista.

Mostrei-lhes que em vez da bandeira francêsa que no dia 14 de Julho estavam habituados a ver hastear em Saint-Georges e nos Povoados da Fronteira, era preciso dora em diante que êles levantassem no dia 7 de Setembro, a brasileira, simbolo da Patria da qual fazem parte.

Prometi mandar a cada grupo indigena uma bandeira brasileira para ser levantada aos domingos e dias cívicos." (Inspecção de Fronteiras I 1927:20-22)

Luís Thomaz Reis, também como Inspetor de Fronteiras, menciona os *Caripunas* em seu relatório de 1936, enquanto habitantes do Rio Curipi:

"...os Caripunas embora vestidos, asseiados, desembaraçados no trato comnosco são ainda índios, pela inexperiência que têm de nossa civilização e pela ingenuidade natural devida à sua educação;

... os Galibís são como os demais da região de savanas, ordeiros e pacíficos, vivendo satisfeitos e não desejando alterações quanto ao seu modo de vida;

... a gente Palicura entontra-se em estado de educação muito atrazada, ainda com habitos quasi primitivos, usando muito urucu, pouca roupa, não abandonando suas flechas e temendo ainda a escravidão". (apud Arnaud:1989:27)

É interessante notar que somente em relação aos *Caripunas* surge o termo "índios", justamente porque Reis preocupa-se em mostrar que "são ainda índios", o que justifica de forma negativa, pela "inexperiência e ingenuidade". Naquele contexto político, isso é o suficiente para definir a população como "indígena" e submetê-la à tutela do SPI (Vidal 1988). Neste

relatório, Reis ainda faz um levantamento populacional, apresentando os nomes de "200 almas" residentes em duas aldeias: uma no monte Caripurá e outra no contraforte da serra Taminã, que o autor assim descreve:

> "O monte Caripurá é outra "ilha" situada na margem esquerda do rio Curipi em frente ao Taminã - Os moradores estão espalhados pelas faldas desses montes e vivem em harmonia dada a indole pacifica dessas tribus. Existe na parte mais alta do Taminã uma capella cuja origem pode se referir ao tempo da catechisação desses indios pelos missionarios da guyana franceza, quando da dominação desse territorio pelos francezes. Havia um estrado de madeira á guiza de altar e muitas imagens de diversos santos, porem todos sem as cabeças. Não pude saber a causa disso, mesmo porque os indios não possuem o senso do mysticismo religioso e tudo para elles se limita a mera imitação do que se pratica nas ceremonias religiosas[17]." (Reis 1936).

Com esses dados sobre a primeira metade do século, pode-se dizer que o termo *Caripuna*, que outrora designara os brasileiros pelos índios (Crevaux 1883; Farage 1985,1991), passa a designar os índios (e, mais especificamente, aqueles índios que não são *Pariucur* nem *Galibî*) pelos brasileiros. Essa ambiguidade entre dois pólos: índios/brasileiros, longe de ser um problema, é parte constitutiva da identidade atualmente manifesta pelas famílias Karipuna do Curipi. Procurei mostrar que esses dois pólos estiveram presentes nos conteúdos que termos semelhantes a Karipuna adquiriram no decorrer de séculos naquela região. Não se trata de um termo fortuito, aplicado "por uma questão convencional" a uma população (Malcher 1953:281). É identificador de um povo, no interior de um conjunto inter-étnico mais amplo. É com base nesses dois pólos: índios/brasileiros, que o termo bem expressa a maneira como os demais povos e a população em geral da região do baixo Oiapoque entende os atuais Karipuna: "brasileiros" para os índios e "índios" para os brasileiros (e demais não-índios).

Considero que essas classificações e categorizações produzidas pelos relatórios das expedições de Inspecção de Fronteiras (Inspecção de Fronteiras 1 e 2 1927; Reis 1936), foram decisivas para definir as feições das políticas públicas alí implantadas, principalmente aquelas voltadas para "abrasileirar" as populações de fronteiras, erradicando as características francesas do antigo Território Contestado. A implantação do ensino escolar nas aldeias indígenas tinha essa finalidade explícita, conforme se depreende dos citados relatórios.

No caso da população Karipuna, o projeto de "abrasileiramento" veio ao encontro da própria auto-imagem do grupo, como bem expressa a trajetória de seu etnônimo, marcado pela interconexão entre os pólos: índios/brasileiros. Mais do que isso, foi o ensino escolar baseado em certas categorias do ideário positivista que apresentou às famílias Karipuna uma possibilidade de fundir sem contradições esses dois pólos. A noção positivista do "progresso" forneceu um espaço para a identificação dessas

---

[17] Assim como Reis, também não pude investigar esse fato curioso, pois obtive essa informação após o período das pesquisas de campo.

famílias na categoria de "índios avançados", onde sua antiga experiência de contatos e migrações era entendida de forma valorativa, como qualidade que lhes permitiria participar de maneira ativa da "sociedade brasileira".

A partir da década de trinta, com a experiência escolar, a auto-imagem das famílias Karipuna passou a manifestar a categoria de "índios avançados". Isso deve ser entendido no contexto inter-étnico do Uaçá, como contraponto aos Palikur, tidos como "índios atrasados". Mas também em relação ao contexto mais amplo, englobando relações com não-índios, os representantes da "raça brasileira", com os quais os Karipuna buscam estabelecer alianças[18].

Cabe ainda discutir um último texto produzido nos quadros do SPI que aborda a população Karipuna (J.Malcher 1953), a partir de informações fornecidas por Eurico Fernandes ou obtidas pelo próprio autor.

> "Pouco, muito pouco, pode-se dizer dêste povo, a que damos o nome de Caripuna, por uma questão convencional.
>
> Dentro do Rio Curipi, afluente do Uaçá, habitavam alguns índios, vindos dêste e do Aruaquá, isto é, GALIBI e PARIUCUR, onde na primeira metade do século XIX chegaram, sem haver notícia de como, alguns forasteiros, brancos, caboclos e prêtos, falando principalmente a língua "geral" e que, sendo bem recebidos, por ditos índios, aí resolveram ficar.
>
> Diziam-se fugidos da "Cabanagem" e entre êles havia homens (só vieram homens) com os nomes de Fortes e Santos, uns de S.Caetano de Odivela, outros de Bragança, etc; deu-se o cruzamento, porém, os índios, nada lucraram com isto e os forasteiros começaram a assimilar hábitos e costumes dos índios. Entretanto, dada a proximidade do Rio Curipi do centro civilizado do Oiapoque, a êsse tempo representado por elementos de origem afro da Guiana Francêsa, predominou uma "civilização" afro-indo-americana, em todos os seus hábitos, costumes e crenças..."
>
> "População ordeira, boa e trabalhadora, fabricando já 60% da farinha produzida na região; são de suas plantações as saborosas laranjas e tangerinas que vêm ao Oiapoque.
>
> Em 1934, o Cel.Magalhães Barata, então Interventor Federal no Pará, entre as incontáveis escolas que criou no Estado, criou também 3 entre os índios Galibi, Pariucur e Caripuna, sendo que esta última, pelo gráu de adiantamento em que se achavam os índios, deu ótimo resultado. (...)
>
> A ação do Serviço de Proteção aos Índios tem sido benéfica e a ela muito se deve oprogresso econômico e cultural dessa gente, que faz questão de ser índia e que ainda conserva muitas das suas tradições e costumes." (Malcher,1953:281-282).

As informações de Malcher reproduzem algumas idéias comuns sobre a população do Curipi, das quais discordo, com base nas

---

[18] Sobre as relações e alianças com não-índios, ver capítulo 3 da tese (Tassinari 1998). O capítulo 7 apresenta uma discussão sobre a escola e a inserção da professora na rede de parentesco das famílias Karipuna.

informações obtidas com as genealogias das famílias: a origem "Cabana" da totalidade das famílias, inclusive dos Fortes e dos Santos, "forasteira" no conjunto, masculina, que se mistura às mulheres locais e assimila a cultura dos outros grupos indígenas. Através das genealogias e histórias de vida, pude comprovar que as famílias migrantes, compostas de homens e mulheres, estabeleceram laços de alianças com os habitantes da região (inclusive com *Caripounes*, entre outros), seguindo um padrão de endogamia próprio, muito diverso dos padrões regionais[19]. Não se pode entender essa população a partir da idéia, muito comum na região, de que tudo aprenderam dos povos indígenas vizinhos. Não se pode igualmente supor que adotaram um etnônimo fortuitamente.

Malcher também fornece um censo da população Karipuna neste século, onde se percebe um aumento populacional considerável do grupo. Acrescento aos seus dados os números de levantamentos realizados por Eurico Fernandes (1943) e Thomas Reis (1936):

Nimuendaju	1925	150
Eurico Fernandes	1931	196
Thomas Reis	1936	200
J.Malcher	1943	262
J.Malcher	1953	448

Concluindo, procurei analisar nesse *paper* os desdobramentos dos conteúdos que o termo Karipuna adquiriu na região do Oiapoque, e sua importância para compreender a identidade do povo que atualmente se auto-designa por esse termo. No histórico sobre o termo mostrei que este assume o caráter de etnônimo, topônimo e até sinônimo da Língua Geral. Enquanto termo de alteridade, designa tanto os "brancos", e mais precisamente, os brasileiros, pelos indios, quanto os índios pelos brasileiros e demais não-índios.

Procurei mostrar que o nome tem uma antiga história na região, designando os *Caripou/Yao*, para quem "brasil" era a madeira usada para a fabricação de arcos, os *Galiponam/Galinago* guerreiros inimigos dos espanhóis que tentavam se fixar no Orenoco, os *Caripuna* aliados dos holandeses e aprisionadores de escravos, os *Calayonas* que não passavam de Wayãpis em contato com brasileiros e, finalmente, os *Garipons/Caripounes* do século passado, que Nimuendaju posteriormente caracterizou de *brasileiros* e que provavelmente tiveram participação na constituição das atuais famílias Karipuna do Curipi.

Referente a um povo Caríb, outro Arwak e ainda outro de língua Tupi, os desdobramentos do significado do termo Karipuna, ao longo dos séculos, mantiveram presente a associação com estrangeiros ou brasileiros, e essa característica não pode deixar de ser considerada para a compreensão da

[19] Conforme Tassinari 1998, capítulo 3.

identidade dos atuais Karipuna do Curipi. Associação que foi reiterada a partir da experiência de ensino escolar através da categoria de "índio avançado", que passa a caracterizar por várias décadas a identidade do grupo. Uma identidade étnica que é capaz de englobar termos como "índio" e "brasileiro" na sua própria constituição, sem conferir a nenhum pólo um caráter de anterioridade ou predominância.

BIBLIOGRAFIA:

arquivos citados:

CBDL - 1ª Comissão Brasileira Demarcadora de Limites - Ministério das Relações Exteriores, Belém - PA

IEB - Instituto Estudos Brasileiros, São Paulo - SP

MIRJ - Museu do Índio, Rio de Janeiro - RJ

ALICINO, Pe.Rogério (1971) - *Clevelândia do Norte*, Biblioteca do Exército Editora, Publicação 420, Coleção Taunay.

ARNAUD, Expedito (1989a) [1969]- "Os índios da região do Uaçá (Oiapoque) e a proteção oficial brasileira" In *O Índio e a Expansão Nacional*, Belém: CEJUP, pp.87-123.

ARNAUD, Expedito (1989c) [1971]- "Os índios Oyampik e Emerilon (Rio Oiapoque) - referências sobre o passado e o presente" In *O Índio e a Expansão Nacional*, Belém: CEJUP, pp.129-183.

ARNAUD, Expedito (1996) - "O Sobrenatural e a Influência Cristã entre os Índios do Rio Uaçá (Oiapoque, Amapá): Palikúr, Galibí e Karipúna" In LANGDON, E.J.M., org., *Xamanismo no Brasil, novas perspectivas*, Florianópolis: Editora da UFSC.

ASSIS, Eneida Corrêa de (1981)- *Escola Indígena, uma "Frente Ideológica"?* - Dissertação de Mestrado - PPGAS / UnB, Brasília.

BIET, Antoine (1664) - *Voyage de La France Equinoxiale en L'Isle de Cayenne Entrepris par les François en L'Anné - MDCLII*, Paris: François Clouzier. (IEB)

BORGES, Luiz C. (1994) - "O Nheengatú na Construção de uma Identidade Amazônica", In *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, série Antropologia, vol.10, nº 2.

CARDOSO, Ciro Flamarion (1984) - *Economia e Sociedade em Áreas Coloniais: Guiana Francesa e Pará (1750-1817)*, Rio de Janeiro: Graal.

CEDI - *Povos Indígenas no Brasil* (1983) -Vol.3 (Amapá/Norte do Pará), São Paulo.

COUDREAU, Henri (1887) - *La France Equinoxiale* - Tomo I, II, e Atlas, Paris: Challamel Ainé Ed., Librarie Coloniale. (IEB)

COUDREAU, Henri (1893) - *Chez nos Indiens- Quatre Annés dans la Guyane Française (1887-1891)*, Paris: Librairie Hachette et Cie. (IEB)

CREVAUX, Jules (1883) - *Voyages dans L'Amérique du Sud* - Paris: Librarie Hachett et Cie. (IEB)

D'AVITY, Pierre (1643) - *Descriptin Generale de L'Amerique*, Paris: Laurent Cottereau. (IEB)

DREYFUS, Simone (1983-1984) - "Historical and political anthropological interconnections: the multilinguistic indigenous polity of the "Carib" Islands and Mainland Coast from the 16th to the 18th century", In ANTROPOLOGICA 56-62, Venezuela: Fundacion La Salle.

DREYFUS, Simone (1993)- "Os Empreendimentos Coloniais e os Espaços Políticos Indígenas no Interior da Guiana Ocidental (entre o Orenoco e o Corentino) de 1613 a 1796", In VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo & CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (orgs.) *Amazonia: Etnologia e História Indígena*, São Paulo: NHII/USP/ FAPESP.

"Estatísticas da População - 1862" - Arquivo Público de Belém, Belém, PA.

FARAGE, Nadia (1985) - "Caribes, aliás, Canibais", comunicação apresentada no GT História Indígena e do Indigenismo, 9º Encontro Anual da ANPOCS, mimeo.

FARAGE, Nadia (1991) - *As muralhas dos Sertões, os povos indígenas no rio Branco e a colonização*, São Paulo: Paz e Terra/ANPOCS.

FERNANDES, Eurico (1943), documento microfilmado. (MIRJ)

FREITAS, Afonso (1936) - *Vocabulário Neengatú*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.

FRIKEL, Protásio (1970) - *Os Kaxúyana, notas etno-históricas*, Publicações Avulsas do Museu Goeldi nº 14, Belém.

GALLOIS, Dominique T. (1986) - *Migração, Guerra e Comércio: os Wayãpi na Guiana*, São Paulo: FFLCH/USP série Antropologia nº 15.

GILLIN, John (1963) - "Tribes of the Guianas and the Lefth Amazon Tributaries", In STEWARD, Julian H.(ed.), *Handbook of South American Indians*, New York: Cooper Square Publishers, Inc.

GONÇALVES, Alfredo (1932) - *Verdadeiro Eldorado: O Território d'Amapá, antigo contestado Franco-Brasileiro*, Belém.

GRENAND, Pierre & Françoise, "A Costa Amapaense da Foz do Amazonas à Bacia do Oiapoque através da Tradição Oral Palikur", INPA, Manaus - xerox.

GUPTA, Akhil & FERGUSON, James (1992) - "Beyond 'Culture': Space, Identity, and the Politics of Difference", *Cultural Anthropology*, vol.7, n.1.

"Histórico e População das Vilas do Pará, 1823-1840" - Arquivo Público de Belém, Belém, PA.

HURAULT, Jean-Marcel (1972)- *Français et Indiens en Guyane, 1604-1972*, Paris:Union Générale d'Editions.

INSPECÇÃO DE FRONTEIRAS 1 (1927)- Relatório do Chefe do Serviço Sanitário, mimeo. (CBDL)

INSPECÇÃO DE FRONTEIRAS 2 (1927) - Diário do General Inspetor, General Rondon, mimeo. (CBDL)

KELLER-LEUZINGER [1874] - "Voyage d'exploration sur l'Amazone et le Madeira" In *Le Tour du Monde*.

LAET, Jean de (1640) - *L'Historie du Nouveau Monde ou Description des Indes Occidentales*, Leyde: Banaventure & Abraham Elseviers Imprimeurs. (IEB)

LÉPRIEUR, M. (1834) - "Voyages dans La Guyane Centrale" - In *Bulletin de la Societé de Géografie*, Deuxièmme Série, Tome Premier, Avril, Paris.

LIMA, Antonio Carlos Souza (1995) - *Um Grande Cerco de Paz, poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil*, Petrópolis: Vozes.

MALCHER, J. (1953) - "Os Emerenhon", "Os Galibi", "Os Caripuna", "Pariucur-Ienê", In RONDON, C.M.S. - *Índios do Brasil: das cabeceiras do Rio Xingu, dos Rios Araguaia e Oiapoque*, Vol.II, Rio de Janeiro: CNPI, Ministério da Agricultura, pp.269-292.

MEIRA, Sílvio - *Fronteiras Sangrentas: Heróis do Amapá*, s/d.

MOCQUET, Jean (1617) - *Voyages en Afrique, Asie, Indies Orientales e Occidentales*, Paris: Jean de Hievquevieu. (IEB)

MOREIRA NETO, Carlos Araujo (1989) - *Índios da Amazonia: de Maioria a Minoria*, Petrópolos: Vozes.

NIMUENDAJU, Curt (1926) - *Os Índios Palikur e seus Vizinhos*, tradução do texto de 1926, versão do NHII-USP, no prelo.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco (1986) - *O Nosso Governo: Os Ticuna e o Regime Tutelar*, de Doutorado, UFRJ-Museu Nacional, Rio de Janeiro.

PARANHOS, José Maria Silva (1898) - *Mémoire presénté par les États Unis du Brésil au Governement de la Confédération Suisse - tomo VI : Atlas*, Paris: Imprimerie Lahure. (CBDL)

PARANHOS, José Maria Silva (1945) - *Obras do Barão do Rio Branco: Questões de Limites* - Vol. III: Guiana Francesa 1ª Memória, Vol IV: 2ª Memória, Ministério das Relações Exteriores. (IEB)

RAIOL, Domingos Antonio (1890) - *Motins Políticos, ou história dos principaes acontecimentos políticos da Província do Pará (de 1821-1835)*, Pará: Imprensa de Tavares Cardoso e Cª, Cap.XVI - "Situação de Vigia" e cap.XVII - "Assaltos dos Facciosos de Vigia".

REIS, Thomas (1936) - documento microfilmado. (MIRJ)

RIBEIRO, Darcy (1995) - *O Povo Brasileiro, a formação e o sentido do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras.

SILVA, Joaquim Caetano da (1981) - *L'Oyapoc et L'Amazone*, Paris: Imprimerie de L. Martinet, 1861. (IEB)

TASSINARI, Antonella (1998) - *Contribuição à História e à Etnografia do Baixo Oiapoque: a composição das famílias Karipuna e a estruturação das redes de troca*, Tese de Doutorado apresentada à FFLCH-USP, São Paulo.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (1996) - "Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio" In *MANA* vol 2, n.2, pp. 115-144.